

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
Curso de Licenciatura em Pedagogia à Distância
Faculdade de Educação (FACED)

RITA DE MATOS RAUPP

**A importância da Ludicidade no Desenvolvimento da Autonomia
Moral Infantil de Crianças de 5 e 6 anos**

Três Cachoeiras, 2011

Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS
Curso de Licenciatura em Pedagogia à Distância
Faculdade de Educação (FACED)

RITA DE MATOS RAUPP

**A importância da Ludicidade no Desenvolvimento da Autonomia
Moral Infantil de Crianças de 5 e 6 anos**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação do
Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade
de Educação da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório
para a obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.

Orientadora: Clevis Elena Rapkiewicz, DSc.

Tutor(a): Analissa Scherer Peixoto

Três Cachoeiras, 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor : Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho à minha amada Vó Pedra, mulher guerreira e minha mãe Marlene. Uma mulher perseverante, que muito antes de se pensar num curso superior em nossa cidade acreditou que este momento chegaria e eu faria parte dele. Dedico este trabalho a você, que me ensinou que antes de ser bem sucedida, é preciso ter valores.

AGRADECIMENTOS

À Deus, a quem eu pedi proteção e sabedoria, e por permitir que eu chegasse até aqui;

...ao meu chefe, tio e padrinho Adalto, por todo o incentivo nas horas mais difíceis, ajuda nos momentos de necessidades e compreensão quando era necessário me ausentar do trabalho;

...ao meu amor Vicente, pela compreensão e por me acalmar nos momentos de ausência, aflição e estresse;

...à minha colega e amiga Luciane Ribas, pelo apoio ao longo do curso e por me incentivar e estar comigo num momento muito difícil durante o curso;

...à minha mãe Marlene, por suas orações e apoio;

...à tutora Analissa, pela ajuda, atenção e tranquilidade transmitida nos momentos de insegurança;

...ao meu amigo Flavinho;

...à todos que contribuíram de alguma forma na minha caminhada e na sua finalização;

E à minha professora orientadora Clevi, por seu trabalho, seu apoio, incentivo, por tudo.

Muito, muito obrigada!

Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A partir das ideias de alguns educadores conceituados, os principais assuntos a serem discutidos neste estudo de caso são moralidade, autonomia moral e ludicidade. Neste seguimento, a moralidade é discutida acerca da importância da consciência da regra e seu papel no desenvolvimento moral infantil. No que se refere à autonomia moral, enfatizo como acontece este desenvolvimento nas crianças, há uma análise quanto à importância de desenvolver a autonomia para a formação de sujeitos críticos. No capítulo referente à ludicidade, são explicitados os conceitos de jogo, brinquedo e brincadeira revelando as distintas definições para ludicidade. O estudo teve como objetivo contribuir no desenvolvimento da autonomia moral dos educandos. Nesta perspectiva, a questão central me fez refletir acerca da importância da Ludicidade no Desenvolvimento da Autonomia Moral Infantil em Crianças de 5 e 6 anos. O estágio foi realizado com crianças de uma turma de pré-escola na faixa etária de 5 e 6 anos da rede municipal, no qual a metodologia escolhida foi o estudo de caso. Percebi que a ludicidade foi essencial para instigar o desenvolvimento da autonomia moral nas crianças de 5 e 6 anos, pois respeita a idade cognitiva e proporciona a aprendizagem prazerosa através das relações interpessoais.

Palavras-chave: Lúdico, Moralidade, Autonomia.

LISTA DE FIGURAS

Figura1: Roda desorganizada	31
Figura2: Releitura da obra Hoje tem espetáculo	32
Figura3: Hora do Conto Lúdica	34
Figura4: Quadro das cores.....	36
Figura5: Painel dos insetos	38
Figura6: Quadro de insetos.....	39
Figura7: Atividade de escrita.....	39
Figura8: Meninos realizando atividade.....	40
Figura9: Jogo das borboletas	42
Figura10: Visita ao jardim da prefeitura municipal.....	43
Figura11: Observação de insetos I.....	44
Figura12: Observação de insetos II.....	44

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	8
1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETO DE PESQUISA	11
2.1 Justificativa e motivação	11
2.2 Caracterização do problema	13
2.3 Questões, Hipótese e Objetivos da Pesquisa	14
2.4 Metodologia	15
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
3.1 Moralidade	17
3.1.1 Autonomia Moral.....	18
3.1.2 Autonomia: um elemento a ser construído.....	20
3.2 Ludicidade.....	23
3.2.1 Conceito.....	24
3.2.2 Ludicidade e Desenvolvimento	25
3.2.3 O Ludo-educador	27
4 REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA	30
4.1 Hoje tem espetáculo	30
4.2 O mágico.....	33
4.3 O Jogo das Cores	34
4.4 Vida de Inseto	37
4.5 Bichos de Jardim	39
4.6 Jogo das Borboletas	41
4.7 Saída de Campo	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
APÊNDICE.....	50
TERMO DE CONSENTIMENTO	50

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão do curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura (Modalidade a Distância), visou instigar o desenvolvimento da autonomia moral das crianças de 5 e 6 anos, valendo-me da ludicidade para garantir o respeito a faixa etária e experiência de vida. Nesta perspectiva, a questão norteadora formulou-se na reflexão acerca da Importância da Ludicidade no Desenvolvimento da Autonomia Moral Infantil.

A hipótese era de que as ações pedagógicas com caráter lúdico influenciariam no desenvolvimento da autonomia moral das crianças.

Visando organizar este trabalho, o mesmo foi organizado em 4 capítulos além da presente introdução.

O estudo tem como principal referencial teórico as obras de Piaget, Kishimoto, Friedmann, Fortuna e Freire, entre outros estudiosos nas áreas da ludicidade, e moralidade na educação infantil.

No capítulo 4 é possível perceber os relatos e imagens que evidenciam a minha prática docente e do retorno dos educandos e sua postura em relação a ela, seguido de uma reflexão que refuta ou consente a importância da ludicidade no desenvolvimento da autonomia moral infantil.

Por fim, há uma análise da hipótese inicial e dos resultados obtidos através das atividades pedagógicas propostas, revelando que a ludicidade é essencial para o desenvolvimento da autonomia moral das crianças de 5 e 6 anos. A pertinência da ludicidade se dá pelo respeito à faixa etária e por proporcionar através das relações interpessoais momentos prazerosos e de aprendizagem paralelamente ao estímulo da consciência da regra e sua importância pra vida social.

2. CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Este capítulo tem a função de situar o leitor da pesquisa no contexto em que se encontram os envolvidos no estudo de caso, desde o grupo social até as intenções da educadora.

Para compreender a escolha da temática durante o período do estágio, esclareço o que me motivou a elaborar a questão norteadora da pesquisa, bem como a caracterização do problema que me instigou a refletir buscando subsídio teórico durante a prática.

2.1 Justificativa e motivação

Até 2007 quando iniciei o curso de Pedagogia a Distância, não havia refletido acerca de questões pedagógicas com um mínimo de propriedade. Estudei numa escola da rede estadual desde a pré-escola até o ensino médio. As opiniões formadas tinham subsídio nas experiências enquanto aluna, sem questionamentos sobre a prática docente da instituição, participação dos conselhos escolares ou sequer sugerindo meus interesses no âmbito escolar.

Sequer havia percebido que minha experiência escolar influenciaria na minha prática docente. Cada um dos meus professores deixou sua marca, algumas boas, outros não, outros apenas passaram pela minha formação. Mas essa reflexão só se faz possível após iniciar o curso de pedagogia.

Compreendo que cada experiência é única, e que para lecionar é importante estar ciente de que cada turma é singular, e que cada aluno apresenta suas particularidades.

Até chegar a esta conclusão enfrentei muitos desafios durante a prática docente no estágio curricular, pois sem experiência muitas vezes buscava aplicar todas as sugestões dos profissionais mais experientes com a minha turma. De fato eu estava num período de teste, precisava testar para aprender o que é possível na sala de aula, o que é pertinente para os educandos e para mim, enfim, eu precisava aprender aproveitar aquele período de docência para poder aperfeiçoar minha formação e buscar ser uma lembrança boa na vida dos meus alunos.

O caminho mais indicado foi sempre o da ludicidade, mas era demasiado desafiador. Nasci em 1988, numa cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul, apesar do fácil acesso a escola e de ter tido bons professores, minha formação

no ensino fundamental foi consideravelmente tradicional, desconhecia o brincar, o jogo e o imaginário na aprendizagem.

Ser professora e brincar com as crianças, apesar de ter acesso a teoria e a relato de ludos-educadores era uma junção surreal. Aliada a dificuldade de compreender como aplicar na minha ação pedagógica a ludicidade, em que momentos, quais as influências na aprendizagem, estava um agravante relacionando a turma.

A turma de 16 alunos demasiadamente dinâmica, a supervisora pedagógica escolar interferindo, segundo semestre do ano letivo e crianças na faixa etária de 5 à 6 anos da pré-escola já desinteressadas nas aulas e relações sociais. Com o tempo as crianças acabaram demonstrando em seus diálogos a ansiedade em ingressar no primeiro ano noutra escola, conforme os pais já estavam preparando-os. O que era uma problemática tornou-se a minha motivação para apresentar um novo brincar, uma nova maneira de ludicidade e instigar o desenvolvimento moral.

Diante destas dificuldades, sendo elas: os estigmas tradicionais como educadora e a característica dinâmica da turma, precisei aprender como conciliar todas estas experiências e que a minha ação fosse produtiva para a aprendizagem das crianças. Com este ideal precisei focar objetivamente em primeiro lugar a necessidade da turma, só a partir de então eu poderia iniciar minhas ações lúdicas em determinados momentos aproximando-me das características de um ludo-educador, até compreender que a ludicidade não é uma disciplina, e sim uma maneira de conduzir a ação pedagógica.

Resumidamente a escolha da questão a ser refletida e discutida neste trabalho de conclusão pode ser justificada e elencada em três aspectos:

*Quando: durante o estágio curricular.

*Como: na mudança nas ações pedagógicas

*Por quê: a turma precisava ser atendida em sua principal necessidade; desenvolver a autonomia moral. Durante o estágio curricular ficou clara a diferença dos interesses e concepções de escola para as crianças atualmente em relação a concepção em que fazia-se em média há 17 anos, quando eu era uma aluna da educação infantil, por exemplo.

2.2 Caracterização do problema

A escola apresenta um papel importante no desenvolvimento do sujeito, nessa perspectiva deve se pensar acerca do quão é essencial uma educação de qualidade às crianças. Considerando o público em questão neste trabalho, crianças de 5 à 6 anos, direciono a reflexão para a educação infantil, que apresenta um importante papel na formação social do ser humano.

Na escola as crianças passam a ter convívio com pessoas de diferentes classes, etnias, religiões, enfim, é na escola que as crianças entram em contato com o novo e paralelamente devem desenvolver aprendizagens em diversos campos.

Por este motivo é tão importante que elas recebam uma educação de qualidade, e ser qualitativo com as crianças é o educador ter consciência de que sua principal função nesta etapa é atender as necessidades dos educandos, estando aberto para refletir e questionar sobre sua própria prática.

Tania Fortuna (2007) traz uma breve reflexão revelando que o educador precisa se desprender de suas lembranças e de sua infância e ser doador de atenção, carinho e ser interativo com seus alunos. Ser interativo significa estar próximo dos alunos, interagir neste trabalho significa conhecer e conviver com as crianças.

A escola é mais do que um ambiente voltado à alfabetização e à aprendizagem de conteúdos específicos. É justamente neste período em que a criança passa a perceber-se como parte de uma sociedade, quando ingressa numa turma, ela passa a fazer parte de um grupo, e nesta perspectiva, estas experiências escolares são um ensaio para a vida adulta.

Neste contexto, para ser um ser social é preciso ser autônomo, e autonomia difere-se de ter senso-comum. Ter autonomia é ser crítico e transformador do meio em que faz parte, mas para que se possa desenvolver esta consciência é preciso sentir-se parte do contexto em que está inserido.

Na educação infantil o papel de tornar o educando consciente fica sob a responsabilidade do educador, que precisa inverter o papel para atingir seu objetivo, ou seja, compreender as necessidades dos educandos, interagir de acordo com sua faixa etária, fazendo-lhe sentir-se parte importante e transformadora do ambiente em que está inserido.

A maneira como o educador conduz esta percepção na criança é o que revela o diferencial no desenvolvimento da autonomia moral numa educação dita de qualidade, enfim, é a metodologia que o educar utiliza para interagir com a criança mediando entre a igualdade e a relação professor/aluno. Para melhor compreender qual é o método, e em que momentos aplicá-lo, discutindo ainda quais as dificuldades encontradas pelo educador para tornar-se este professor diferenciado, refletiremos acerca da ludicidade, buscando perceber qual a influência de um ludo-educador no desenvolvimento da autonomia moral infantil.

2.3 Questões, Hipóteses e Objetivos da Pesquisa

O tema deste trabalho de conclusão do curso é a reflexão acerca da influência da ludicidade nas ações pedagógicas no desenvolvimento moral infantil.

Assim, considerando o contexto apresentado, foi estabelecida a seguinte questão de pesquisa:

*Qual a importância da ludicidade no desenvolvimento da autonomia moral em crianças de 5 e 6 anos?

A partir desta questão, identificam-se as seguintes questões específicas:

*Em que momentos o educador deve valer-se da ludicidade na educação infantil?

*Como as crianças de 5 e 6 anos se adaptam ao convívio social escolar?

* Como favorecer o desenvolvimento da autonomia de crianças de 5 e 6 anos através das ações pedagógicas do educador?

Parte-se da hipótese que através de ações pedagógicas lúdicas as crianças de 5 e 6 anos podem desenvolver autonomia moral no contexto de adaptação harmoniosa a rotina escolar.

Para tanto, este trabalho tem como objetivo geral refletir e questionar qual a importância da utilização da ludicidade nas ações pedagógicas a fim de proporcionar o desenvolvimento da moralidade e valores dentro das possibilidades infantis para o convívio social.

Decorrentes desse objetivo geral propõem-se os seguintes objetivos específicos:

*Refletir se há momentos específicos durante a aula para utilizar o lúdico e que momentos são esses.

*Compreender se há uma maneira específica de instigar o desenvolvimento da autonomia moral nas crianças.

*Refletir acerca das ações pedagógicas de um ludo-educador visando perceber o diferencial no desenvolvimento na autonomia moral dos educandos.

2.4 Metodologia

Para realizar o desenvolvimento deste trabalho de conclusão foi preciso adotar uma metodologia com o intuito de reunir dados que confirmassem ou refutassem uma hipótese elaborada, para tanto realizei o estágio curricular. Esta ação de pesquisa, envolvendo um método é chamada de estudo de caso, pois focaliza a pesquisa para uma temática relacionada a hipótese inicial.

Ventura (2007) revela que não é tão simples fazer a definição do que é um estudo de caso, já que este é utilizado nos mais amplos campos de pesquisa, mas vale reconhecer que estudos de caso são cada vez mais pertinentes, pois embora tenham um foco, possibilitam muitas descobertas.

Realizar um estudo de caso buscando um aspecto geral, como no meu caso a importância da ludicidade no desenvolvimento infantil, é interessante, pois permite avaliar a situação inicial e comparar com os resultados, onde posso fazer análise dos pontos positivos e negativos quanto às mudanças. No entanto perdem-se descobertas interessantes individuais sobre determinados alunos, mas é então que se caracteriza o estudo de caso, faz-se uma escolha e algumas renúncias visando não perder o foco, enfim, estudar o caso em questão.

O estudo de caso em questão foi realizado na Escola Municipal de Educação Infantil Abelhinha, situada no município de Três Cachoeiras.

A escola busca proporcionar às crianças o maior contato possível com o brincar, instigando as aprendizagens valendo-se da ludicidade.

A escola apresenta boa estrutura física, embora no último ano a demanda de alunos tenha crescido significativamente.

Há ainda a disposição dos educadores uma vasta variedade de materiais pedagógicos para a utilização nas aulas, bem como materiais escolares para a realização de atividades dentro da escola e do pátio.

Quanto às tecnologias, a escola possibilita o uso de mídias como aparelho de DVD, televisão e um computador coletivo, porém não possui laboratório de informática, isto implica no uso com as crianças, pois é preciso valer-se do transporte público municipal para utilizar em outra escola da rede, este trajeto nem sempre é realizado, pois depende da disponibilidade de motoristas.

Iniciei o estágio curricular no segundo semestre de 2010, com uma turma cedida por uma colega de profissão.

A coleta de dados foi realizada com a pré-escola composta por 16 crianças, sendo 12 meninos e 4 meninas na faixa etária de 5 a 6 anos. Todos os alunos são residentes da sede da cidade e permaneciam em turno integral na escola. São oriundos de famílias de baixo poder aquisitivo, trabalhadores que encontram na escola um local seguro para deixarem as crianças.

É pertinente registrar que a principal característica da turma era sua dinâmica, mas que não afastava da normalidade considerando que era composta por crianças saudáveis, curiosas, questionadoras e buscando a preparação para ingressar no primeiro ano noutras escolas.

Para atender a turma foi necessário rever o plano desenvolvido, intencionando a mudança de postura do grupo, alunos e educadora.

A problemática originava-se da maneira como o brincar era desenvolvido na escola, dando liberdade aos educandos sem orientá-los de como lidar com ela. Esta ideia de ludicidade e brincar livre causavam desordem e desrespeito com a comunidade escolar.

Visando explicitar quais foram os pressupostos teóricos que orientaram este trabalho, o próximo capítulo apresenta a fundamentação teórica.

Na intenção de responder a questão deste trabalho já no período do estudo de caso, estas foram as minhas principais referências teóricas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Ludicidade e moralidade

Neste capítulo estão registradas as bases teóricas utilizadas para a aplicação do planejamento de estágio.

Revela ainda as referências teóricas utilizadas durante o estudo de caso e suas influências e contribuições no processo de desenvolvimento das crianças e formação da educadora.

São reflexões acerca das ideias trazidas pelos autores, nos quais durante o estudo de caso fez-se necessário o resgate dos registros no intuito de compreender como estes conceitos influenciam e são pertinentes no desenvolvimento da autonomia moral infantil.

3.1 Moralidade

Recorri a autores que atendessem as minhas dúvidas enquanto educadora e necessidades dos meus alunos. Para compreender o papel da ludicidade e como ela se fazia presente na aplicação dos planos de aula, recorri às obras de Tania Fortuna que apresentam uma vasta disponibilidade de pesquisas e reflexões acerca da temática brincar na educação infantil.

Para atender a necessidade do desenvolvimento da autonomia moral das crianças, recorri a Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia, visando compreender a definição de autonomia moral e formação de sujeitos críticos.

Buscando a qualificação na formação profissional e almejando resultados durante a realização do meu estudo de caso, além dos educadores acima citados, para compreender o processo que as aprendizagens percorrem em cada fase na infância, finalmente realizei pesquisas sobre as reflexões de Jean Piaget, relacionados ao juízo moral.

Para Theobaldo (1995), a moralidade desenvolvida é quando o indivíduo reconhece que existem valores e princípios para a vida em comunidade, que há um sistema moral composto por regras que devem nortear as ações e a conduta coletiva.

Antes de tratar da autonomia moral é preciso entender segundo Theobaldo (1995) que a moralidade é a propriedade que um indivíduo possui de compreender como deve agir em sociedade.

O autor enfatiza que consciência moral diz respeito ao conjunto de valores que permite ao ser humano diferenciar o bem e o mal, bem como suas responsabilidades.

Numa breve resenha, Budó (2008) ressalta na obra de Freitag (1992) que existem três ciências relacionadas ao assunto, dividindo-se em psicologia, filosofia e sociologia. O campo da psicologia estuda as razões que levam o indivíduo a agir inconsciente ou conscientemente. A segunda ciência busca a resposta dos princípios ou critérios que guiam a ação do indivíduo. E finalmente a sociologia questiona as consequências das ações do sujeito no contexto social. Nesta perspectiva, compreende-se que a moralidade é uma temática ampla e que uma ciência por si só não é capaz de definir seu conceito. Em suma, a moralidade é uma questão interdisciplinar.

3.1.1 Autonomia Moral

Piaget (1994) deixou um trabalho inacabado referente a autonomia moral, mesmo porque este não era o foco de suas pesquisas, mas os registros deixados já nos ajudam a compreender como acontece o desenvolvimento moral nas crianças, e mais do que isso, deixa registros sobre a importância dos educadores agirem na intenção de instigar o desenvolvimento da autonomia moral ainda na infância.

Para o referido autor a autonomia moral é um tema fundamental a ser discutido e compreendido no contexto educacional, tomando suas idéias como alicerce, partindo da experiência docente e das pesquisas realizadas, nota-se que o desenvolvimento moral vem se tornando uma das finalidades da educação, porém uma finalidade que é imposta pelas famílias modernas para a escola.

Nos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, é possível perceber que a organização do currículo vem ajustando-se às mudanças sociais e troca de papéis entre as famílias e a escola. Suscita-se que a educação das crianças na dentro da faixa etária de 0 à 6 anos deve

[...]abranger diversos e múltiplos espaços de elaboração de conhecimentos e de diferentes linguagens, a construção da identidade, os processos de

socialização e o desenvolvimento da autonomia das crianças. (BRASIL, 1998, p.45)

Os Referenciais evidenciam que a ação pedagógica precisa buscar desenvolver atividades que instiguem aprendizagens diversas e não se detenha exclusivamente na capacidade e desenvolvimento cognitivo da criança. A escola atual deve cumprir

um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação.(BRASIL, 1998, p.23)

Neste contexto, destaco a contribuição de Piaget, que sustenta que os preceitos morais se desenvolvem nas relações interindividuais, ou seja, através da interação das crianças entre si e com adultos.

Ainda seguindo na perspectiva piagetiana, as crianças ao brincarem percebem a regra de maneira bastante conservadora, respeitando-as como se não pudessem ser anuladas, desta forma, percebe-se que literalmente elas compreendem a função das regras de acordo com sua faixa etária, ou seja, entendem que regras devem ser correspondidas e que tem como função organizar as ações dos indivíduos.

O termo criado pelo autor é consciência da regra, possibilitando que se possa pensar na educação voltada ao desenvolvimento da consciência moral, logo, juízo moral. Para o autor, juízo moral significa a consciência de que é necessário seguir as regras da sociedade, pois não têm caráter positivo as ações que confrontam com as mesmas.

A partir da obra de Piaget (1994), compreende-se que as regras de conduta na educação infantil devem ser estabelecidas junto com as crianças, a partir da explicação dos motivos das proibições ou aprovações.

O educador precisa compreender que seu papel nesta fase da vida da criança é de agente socializador, sinalizando que as regras não são uma imposição injusta ou autoritária. Para contribuir com a formação moral infantil é preciso expor para os educandos que as regras são essenciais para o respeito mútuo e a convivência em grupo.

Fortuna (2007) enfatiza que é importante que o educador instigue a socialização sendo exemplo de afetividade e responsabilidade, atribuindo pequenas

responsabilidades às crianças. Frente as idéias dos autores, há de ser encontrada uma maneira de educar que abranja as contribuições de Piaget para o esclarecimento e conscientização das regras e sua função social e de que a postura de educador deve condizer com sua ação pedagógica.

3.1.2 Autonomia: um elemento a ser construído

Num artigo desenvolvido a partir de trabalhos anteriores, Fortuna (2000) esclarece que o ser humano não vive isolado. Ao contrário ele participa de vários grupos entre os quais estão a família, os companheiros, a escola, e a comunidade. Em cada grupo ele desempenha um papel. Neste contexto, o papel é a forma como a criança estrutura-se para comportar-se nos diferentes grupos, ou seja, é aquilo que esperamos que o indivíduo faça quando está dentro de um determinado grupo social, enfim, sua postura frente a sociedade.

Fortuna (2000) aborda questões das práticas cotidianas referente às ações dos educadores que podem contribuir para o desenvolvimento moral das crianças. Revelando que somente após ter explorado seu corpo e sua pessoa em fases anteriores, a criança passa a perceber o outro.

Segundo a autora na medida em que as crianças se desenvolvem muitas coisas passam a ser exigidas, elas precisam tornar-se independente quanto a higiene corporal, controlar agressividade, aprender a inibir ou adiar suas vontades e o mais desafiador é ingressar na escola e conviver com colegas e professores, onde inicia um processo de descentralização, ou seja, o egocentrismo precisa ser amenizado.

A socialização da criança requer o estabelecimento de certos controles e certas regras para possibilitar a aprendizagem dos conteúdos curriculares e questões de comportamento para a vida em grupo.

Neste contexto, quando um adulto assume seu papel de pai, mãe, professor, irmão, enfim, a criança que também vive o seu papel, aprende o papel dos adultos. Depois de tomar uma atitude errada, ela mesma poderá se criticar. É nesta perspectiva que vale refletir sobre a formação moral das crianças, ainda na infância, já que elas imitam a conduta dos adultos que a cercam.

No âmbito educacional é importante lembrar as palavras do educador Paulo Freire (1996), que explica que a educação tem caráter formador e não treinador, ou

seja, a formação é a construção das aprendizagens, é um processo interativo, de movimento, que assume o inacabamento do ser humano, que refuta o treino, o técnico, que poderá conotar formação, mas não instiga a enfrentar as novas experiências e a transformação.

A autonomia não é uma característica que o ser humano nasce com ou sem, autonomia é o resultado de todo um processo de desenvolvimento da compreensão de que somos responsáveis por nossas atitudes e consciência das consequências das atitudes,

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. (FREIRE, 1996, p.107)

É importante perceber que o sujeito transformador é o próprio educando. Não é digno de um educador se considerar o 'sujeito da autonomia de ninguém' (FREIRE, 1996), a autonomia é uma questão de amadurecimento, de reflexão a partir das experiências, espaço e tempo pelo qual a escola deve oferecer ao educando, mesmo na educação infantil para crianças na faixa etária de 5 à 6 anos, momentos de percepção das atitudes tomadas, ou seja,

Uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 1996, p.107)

A conquista da autonomia liberta as crianças do medo do autoritarismo, pondo numa posição de consciência. Não é possível construir a autonomia se não houver trocas num ambiente democrático e acolhedor para os pequenos aprendizes.

Finalmente Freire (1996) refere-se a autonomia moral afirmando que a construção da autonomia moral infantil se dá pelas interações com o meio e com as relações sociais, com auxílio das experiências proporcionadas pelo educador, que tem como objetivo instigar vivências de pequenas responsabilidades, contribuição na tomada de decisões e ter espaço para livre expressão. A autonomia é também a propriedade que o indivíduo desenvolve de reconhecer a presença dos seus pares e respeitá-los mutuamente, sejam da mesma faixa etária ou superior.

Friedmann (2005) apresenta um registro importante para que se compreenda como buscar o desenvolvimento da autonomia moral infantil, considerando que as

crianças não terão total consciência do que se trata sua própria consciência moral, mas se tiverem sua faixa etária respeitada é possível que o educador e o educando tenham resultados satisfatórios.

Friedmann (2005) quando se refere ao desenvolvimento moral, enfatiza que é um processo de caráter progressivo, que necessita da consideração da faixa etária. Por este motivo é preciso que sejam adotadas estratégias metodológicas, levando em conta as características de cada grupo na qual o educador atua.

O desenvolvimento moral infantil precisa percorrer um processo de construção dos valores, considerando que estes valores são necessários à vida em sociedade. É importante reconhecer que devem ser desenvolvidos em conjunto, na educação infantil o educador deve valer-se do período de socialização em que as crianças se encontram.

Matos (2001) apresenta dois motivos que considera essenciais para o repasse das responsabilidades das famílias quanto a formação moral dos indivíduos, para a prática docente, tornando-a umas das finalidades da educação infantil:

Primeiro [...] De facto a família / os pais têm vindo a desistir das suas responsabilidades para com os mais novos, renunciam à transmissão do muito ou pouco que sabem em favor de um ensino supostamente científico, deixam de se encontrar com os mais novos na esfera da partilha de tarefas e responsabilidades sociais e cívicas, desistem da tarefa de formar a consciência cívica das crianças, abandonando-as aos professores...
Segundo, a escola deve estabelecer os parâmetros da relação entre o sujeito e os outros, suscitando a aprendizagem de valores, normas e regras de conduta com vista à inserção dos alunos na vida comunitária. (MATOS, 2001, p. 2)

Estas responsabilidades citadas por Matos (2001) são notoriamente repassadas cada vez mais cedo para as instituições escolares, que recebem crianças com menos de um ano de idade. As atividades cotidianas dos pais/responsáveis tomam mais espaço do que o tempo dedicado as crianças, onde também cada vez mais cedo são matriculados nas escolas de educação infantil e conseqüentemente sobrecarregam a escola de responsabilidades além das demais aprendizagens.

Desenvolver trabalhos pedagógicos voltados para o desenvolvimento moral infantil é uma tarefa na qual se deve manter a preocupação em respeitar a faixa etária dos educandos.

Neste contexto, percebe-se a necessidade de conciliar uma assunto complexo com atividades prazerosas, nesta perspectiva compreende-se a importância do resgate da ludicidade para que as crianças aprendam com prazer.

3.2 Ludicidade

Kishimoto (2006) apresenta a origem da palavra 'lúdico', que vem do latim 'ludus', na qual a tradução é 'jogo', mas com o passar do tempo a definição evoluiu e não se prende mais somente ao jogo.

Embora jogo também possa ter uma definição complexa, pois existem regras, ao mesmo tempo há prazer na realização. Simultaneamente, Kishimoto (2006), através desta definição nos faz refletir que se há prazer pode-se chamar portanto de brincadeira, mas na brincadeira não existem regras específicas, fixas, ou seja, a brincadeira é uma ação espontânea.

Para compreender melhor todos estes conceitos Kishimoto (2006) esclarece que definir o jogo não é uma fácil tarefa, pois cada um pode entendê-lo de um modo diferente. Sintetizando as palavras da autora, a definição de jogo ou não-jogo, depende da cultura de quem observa, o que poderá dar toda a complexidade explícita neste trecho.

A autora sustenta que no Brasil ainda se fala em jogo, brincadeira e brinquedo de forma indistinta, como se tivessem basicamente a mesma definição, o que revela o baixo conhecimento a respeito, visto que o jogo é um sistema de regras, manuseio de um objeto e o resultado de um sistema que funciona dentro de um contexto social.

Nesta perspectiva, um jogo será sempre jogo, pois possui regras específicas e não passíveis de modificação ou negociação da parte dos jogadores, porém, uma brincadeira pode se tornar um jogo, considerando que são os indivíduos que a conduzem conforme seus princípios de prazer.

3.2.1 Conceito

A relação do brincar com a educação infantil se dá no respeito a faixa etária, pois a brincadeira é maleável, propiciando ao educador a oportunidade de dirigir suas ações atendendo ao interesse e sentimento de prazer dos educandos, desta forma, é possível instigar a aprendizagem prazerosamente, considerando que

Aprendizagem prazerosa é, pois, aquela que não causa dor e é o mais imediata possível, sem causar sofrimento. (RYSZYK, 2010, p.26)

O brinquedo é o objeto de manuseio, é o que o homem criou, mas a maneira de usá-la não é determinada, ele possui o papel de instigar a brincadeira e a sua representação concreta:

O brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade. Ao contrário, jogos, como xadrez e jogos de construção exigem, de modo explícito ou implícito, o desempenho de certas habilidades definidas por uma estrutura preexistente no próprio objeto e suas regras. (KISHIMOTO, 2006, p.18)

O brinquedo pode representar uma totalidade social, pois os brinquedos fabricados reproduzem o mundo em que as crianças vivem, atualmente são técnicos e científicos por exemplo. É possível ainda que os brinquedos incorporem os personagens preferidos das crianças, os personagens de maior destaque num determinado momento, edições especiais, enfim, os brinquedos possuem suas características limitadas, mas é o brincar que revela seu diferencial, pois dá vazão a imaginação da criança, pois se torna apenas o instrumento que a aguça.

Kishimoto (2006) enfatiza que o brinquedo não é o fator determinante da qualidade do brincar. Este quando é elaborado com o objetivo de instigar aprendizagens, a partir da estruturação da brincadeira, é que possibilita a avaliação da eficácia do brincar, ou se a ação teve caráter de apenas diversão. O brinquedo pode ser apenas a ferramenta utilizada, mas que também pode ser substituído pelo imaginário.

A brincadeira é, segundo Kishimoto (2006), o 'lúdico em ação'.

Na busca por uma explicação mais sólida e simples, encontrei nas palavras de Santin (1994) que a ludicidade são as sensações prazerosas vividas pelo

indivíduo, e que não há exatamente uma palavra que a defina, mas deve ser compreendida como algo que envolve e surge da fantasia e da imaginação. As ações lúdicas podem emergir de algo simbólico, seja um objeto ou mesmo algo imaginário.

Fortuna (2007) também defende o brincar como o meio mais adequado para o desenvolvimento infantil, destacando ainda que a educação infantil tenha uma especificidade que é a preparação social e psicomotora das crianças. A autora também menciona que a ludicidade deve estar presente na educação infantil, pois assegura o respeito ao período de desenvolvimento do ser humano.

3.2.2 Ludicidade e desenvolvimento

As crianças na faixa etária de 5 à 6 anos revelam-se nas brincadeiras, suas ações envolvem no brincar elementos da realidade vivida por elas, por vezes reproduzem suas experiências e outras modificam de acordo com seus desejos, o fato é que as brincadeiras fazem parte da infância e do desenvolvimento das crianças. (FORTUNA, 2000)

Amparada no referencial já abordado, o brincar deveria seguir também pela vida adulta, considerando que o lúdico em ação é a imaginação e o sentimento de prazer durante a realização das atividades, sejam elas de qualquer natureza: musical, artística, brincadeira, contação de história, enfim, o lúdico é a maneira como a atividade é conduzida e como o indivíduo a sente.

Percebendo o brincar como um meio facilitador na aprendizagem e na formação moral da criança, refuto a idéia do brincar por brincar, e percebo suas contribuições para desenvolvimento cognitivo e social infantil.

Dallabona e Mendes (2004) enfatizam que a criança não é um adulto em miniatura, ela possui suas características próprias e se encontra numa fase de descoberta, aprendizagem e socialização. É preciso que ela seja estimulada a desenvolver o máximo de suas habilidades durante as várias etapas pela qual deve passar.

Inicialmente o indivíduo se apóia na família para seu desenvolvimento, em seguida, esse grupo se amplia com os colegas de brincadeiras, e mais tarde com os colegas da escola.

Segundo Daniel (2010), através do brincar a criança amplia potenciais durante suas ações, no instante em que ela compara, avalia, escolhe, mede, unifica, calcula, classifica, compõe, conceitua e cria. O brinquedo e a brincadeira explicam o mundo para a realidade infantil, permitindo que a criança desenvolva sua inteligência, sua sensibilidade, habilidades e criatividade, além de aprender a socializar-se com outras crianças e com os adultos.

Dallabona e Mendes (2004) justificam que a importância do lúdico na realização de atividades para o desenvolvimento infantil se dá

Pois a brincadeira é algo inerente na criança, é sua forma de trabalhar, refletir e descobrir o mundo que a cerca. (DALLABONA, MENDES, 2004, p.1)

Os autores reforçam a ideia de que conhecer e compreender o universo infantil é um grande desafio, porém, uma ação necessária para a prática pedagógica, afinal a criança precisa ter seu tempo de ser criança respeitado.

O ato de brincar é citado ainda por Vigotsky (1984) como fator essencial para o desenvolvimento do pensamento infantil, pois é brincando que a criança revela seu estado cognitivo, motor e a maneira como se encontra nas relações sociais e como estabelece estas relações. A brincadeira e a ludicidade instigam a internalização do mundo exterior, ou seja, através delas as crianças constroem suas aprendizagens a partir do que já viveram ou desejam viver, representando pelo brincar:

A brincadeira cria para as crianças uma 'zona de desenvolvimento proximal' que não é outra coisa se não a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro capaz. (VYGOTSKY, 1984, p.97)

O brincar e o jogar proporcionam mais do que o pensar, estabelecem laços afetivos entre os participantes ou jogadores, e por este motivo é tão pertinente na educação infantil, o brincar na sala de aula ajuda as crianças a superarem o egocentrismo e valorizar a cooperação, o trabalho em equipe e respeito as regras.

3.2.3 O ludo-educador

Fortuna (2007) explica que o perfil ideal de um educador é aquele em que haja o comprometimento em deixar uma 'herança moral e cultural à criança'.

A autora afirma que é preciso interagir com a criança, o que não significa voltar à infância, mas ser capaz de estar com elas, passar segurança, carinho, experiência, interesse e valores, valores estes que venham a contribuir para o desenvolvimento moral infantil.

Nesta perspectiva cabe ao educador o papel de escolher entre sufocar os sentimentos da criança ou se colocar na posição de auxiliar para compreender estes sentimentos, demonstrando ao educando igualdade e possibilitando interação, transparecendo a reciprocidade e permitir que a criança deposite confiança no adulto.

Ao brincar e interagir com as crianças o educador se põe em igualdade com seus educandos, e contribui para que as crianças sintam-se a vontade dentro do ambiente escolar.

A posição de igualdade possibilita a criação de laços com as crianças, no qual emerge respeito, e através das relações de respeito e afeto é possível que os educandos convivam num ambiente de cooperação e compreensão, essenciais para a vida social.

Na maior parte das escolas de educação infantil do município de Três Cachoeiras, crianças na faixa etária de 3 à 6 anos que ingressam na escola estão justamente iniciando a vida social fora de suas moradias, e é por este motivo que a ação pedagógica faz-se tão necessária para o desenvolvimento moral na educação infantil.

É através do estabelecimento de uma relação inteira com a criança que o educador será capaz, ao mesmo tempo, de contê-la e estimulá-la a crescer.
(FORTUNA, 2007, p.15)

Segundo Fortuna (2007) ser afetivo com os educandos e dar espaço para que eles se expressem contribui para este ensaio da vida social que é o ingresso na educação infantil.

No momento em que uma criança ingressa na escola o educador deve preocupar-se não somente com os conteúdos curriculares, mas a inserção integral deste novo membro à comunidade escolar.

Compreendendo que sendo o período de socialização, a educação infantil é o período em que os educadores devem ter a preocupação de instigar o desenvolvimento da autonomia moral infantil. O educador tem o papel de educar, diferencia-se do professor que ensina, o papel do educador atual deve ultrapassar este conceito conservador de professor, é preciso instigar o desenvolvimento de cidadãos autônomos e conscientes dos valores morais.

No decorrer deste trabalho, percebe-se que as relações sociais atuam diretamente no desenvolvimento da autonomia moral infantil e que o brincar e o lúdico são fatores essenciais para a aprendizagem de conteúdos curriculares e consciência moral, respeitando a faixa etária da criança.

Trazer o jogo para dentro da escola é uma possibilidade de pensar a educação numa perspectiva criadora, autônoma, consciente. [...] não somente abre-se uma porta para o mundo social e para a cultura infantil como se encontra uma rica possibilidade de incentivar o seu desenvolvimento. (FRIEDMANN, 2005, p. 56)

A intenção é perceber a importância de que as ações pedagógicas na educação infantil empreguem a ludicidade para esta preparação do educando para a vida social de respeito mútuo, reconhecimento como parte do ambiente em que vive, sendo ele um sujeito autônomo e transformador da realidade.

O brincar é essencial para o desenvolvimento do pensar infantil, mas ele não se restringe às crianças, pois os educadores precisam interagir com seus educandos, ato que pode se tornar um desafio, já que como destaca Fortuna (2007) um educador deve desprender-se das suas marcas enquanto aluno e não procurar a sua infância na infância de seus alunos.

Em suma, após refletir acerca da importância em empregar o brincar na educação, bem como dialogar sobre o conceito de moralidade e compreender que uma das finalidades da educação infantil é o desenvolvimento da autonomia, ressalta-se a importância de desenvolver ações pedagógicas voltadas para a autonomia moral.

O lúdico é mais do que uma estratégia, é uma maneira de respeitar e motivar a criança, dentro de seus ideais e sentimentos de prazer na realização de uma

atividade, é possibilitar à ela o desenvolvimento e a aprendizagem valendo-se de um instrumento que é inerente da criança: o brincar.

No próximo capítulo deste trabalho estão os registros do lúdico e do brincar propostos nas ações pedagógicas, expondo a análise realizada acerca das intenções, ações e resultados.

4 REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA

Neste capítulo estão registradas as evidências das atividades pedagógicas realizadas com as crianças.

Os registros foram selecionados em ordem cronológica para que seja possível refletir sobre a mudança na postura das crianças no decorrer do estágio curricular.

Através dos registros contidos neste capítulo pode-se refletir acerca da importância do emprego da ludicidade nas ações pedagógicas com a finalidade de instigar o desenvolvimento da autonomia moral.

4.1 Hoje tem espetáculo

Estávamos nos preparando para conhecer o autor do livro O Circo Mágico, Alexandre Brito. Para abrir a temática intencionando valer-me de mídias e aplicar atividades interdisciplinares elaborei uma aula referente ao pintor Ernane Cortat.

O livro que se referia aos profissionais do circo possibilitaria o desenvolvimento das crianças nas distintas áreas de conhecimento, nesta perspectiva a aula sobre o autor iniciaria o trabalho com circo através da obra 'Hoje tem espetáculo'. Esta atividade aproximaria as crianças de uma das diversas formas de expressão através da arte, bem como estimular a motricidade ampla e fina, contato com a textura da tinta, iniciar o uso de mídias em atividades dentro da sala de aula, como o notebook, por exemplo, supostamente envolvendo ludicidade na dinâmica das atividades, mas principalmente estimulando o compartilhamento de materiais e socialização com os colegas. No entanto, a aproximação com a arte como forma de expressão não aconteceu, pois as crianças compreenderam que deveria ser feita uma cópia da obra apresentada, revelando que a atividade não lhes era comum, além de cópias e realização de pinturas instruídas pela professora:

-É pra copiar 'profe'? (Aluno 1)

-Não, tu vai pintar o que tu achaste desta pintura. O que tu gostaste nela, se tu já viu alguma coisa que tem nessa pintura. (Profª estagiária)

-Mas a gente sempre pinta o que a 'profe' diz que é pra pintar. (Aluno 1)

Na roda de rotina, recitei a poesia O Circo, retirada do livro já citado. Após conversarmos sobre a poesia, mediante a repetidos pedidos de atenção, as crianças escutaram a biografia do artista Ernane Cortat e posteriormente deveriam

visualizaram no notebook a imagem digitalizada da obra 'Hoje tem espetáculo', entre outras do mesmo autor, já que todas referiam-se a temática circo. Porém, percebi que a maioria das crianças não demonstrou envolvimento com a atividade, mas o que mais se destacou foram as atitudes tomadas pelas crianças durante a atividade. Não prestaram atenção, não se sentaram de maneira adequada na roda, mexiam no notebook sem autorização e nos jogos pedagógicos nas prateleiras da sala. Durante esta atividade precisei interromper muitas vezes o diálogo com a turma para chamar atenção de crianças que se dispersavam e apenas um registro fotográfico foi realizado logo no início, e já é possível perceber a desorganização da 'roda', duas crianças deitadas, outra de joelhos e um menino atrás dos demais colegas (canto direito da foto, parte inferior), revelando indiferença à solicitação da professora estagiária.



Figura 1 – Roda desorganizada.

Faltava mais do que envolvimento, já na terceira semana de estágio percebi através desta atividade que as crianças não estavam demonstrando respeito com a educadora estagiária, e que esta conduta negativa se estendia aos colegas, funcionários da escola, e com os materiais da escola, deixando de ser um caso isolado com a nova educadora, revelando uma problemática da turma.

Uma vez que as crianças já se encontravam no segundo semestre do ano letivo e que freqüentavam a escola a no mínimo 2 anos, evidenciaram-se dois

aspectos à serem refletidos para a elaboração dos planos de aula futuros: a metodologia e o foco no desenvolvimento de uma questão específica.

Embora eu tenha levado a atividade até o final, segundo o plano de aula, percebi que a metodologia aplicada não havia sido adequada ao perfil da turma e ao estímulo do desenvolvimento da autonomia moral.

As crianças concluíram a atividade, conforme os registros das figuras 1 e 2, porém a tentativa de conhecimento e proximidade com a arte não obteve sucesso com as crianças, faltou um diferencial para a turma, sem a inserção real da ludicidade.



Figura 2 – Releitura da obra

Após a realização desta atividade, percebi que havia uma igualdade entre eu e as crianças que não era a ideal entre professor/aluno, pois não atendiam aos meus pedidos. Fortuna (2007) enfatiza que é preciso estabelecer o sentimento de igualdade entre educador e educando, mas com a idéia de respeito e sem autoritarismo em sala de aula. Notando a falha na elaboração do plano de aula e que a turma apresentava uma necessidade específica, surgem questionamentos e pesquisas sobre a maneira mais apropriada para atender suas necessidades e simultaneamente instigar e desenvolver aprendizagens e o desenvolvimento moral.

4.2 O mágico

Após a busca por meios que me auxiliassem a desenvolver as atividades junto as crianças, passei a perceber que a ludicidade seria primordial na aplicação das atividades e que segundo Fortuna (2007) enquanto educadora precisaria estabelecer uma relação de igualdade junto as crianças.

Com foco no desenvolvimento da autonomia moral das crianças a ludicidade foi o fator chave para que as aulas se adequassem a faixa etária dos alunos, afinal eles precisavam aprender brincando.

Para a hora do conto, que ocorria diariamente, me vesti de mágica e conversei com as crianças e após ceder um tempo para que a curiosidade sobre a vestimenta passasse, em meio ao barulho de conversa e agitação das crianças, que acontecia a todo momento parei de chamar-lhes atenção e comecei a recitar a poesia O mágico, também retirada do livro O Circo Mágico.

O tema da poesia era o mágico em si, mas o diálogo foi voltado para a mágica que precisaria ocorrer com a turma. Valendo-me da narrativa de suspense, do imaginário infantil e de aspecto misterioso instiguei a pensarem sobre as transformações que a turma precisaria fazer, desafiando as crianças a revelarem o mágico que habitava cada um deles e mudar a postura sendo um 'colega legal'. O mágico havia de colaborar com os colegas, respeitar as regras, os colegas, professores e funcionários, assim como os alunos menores das outras turmas. Neste momento a resposta das crianças foi bastante positiva. Fizemos um acordo de que cada um faria sua própria mágica e o mágico mais poderoso faria as maiores transformações:

-O mágico mais poderoso é aquele que conseguir se transformar no colega mais legal: que ajuda os colegas, guarda os brinquedos no lugar certo, não fala palavrões e nem xinga os colegas. Que respeita as profes e todas as crianças da escola e as tias (cozinheira, faxineira, atendente). Quem aqui é um mágico poderosíssimo?

-Eu! – resposta coletiva

-Mas todos são poderosos mesmo?

-Sim! – resposta coletiva

-Eu sou o mágico mais poderoso de todos! Vou me transformar no colega mais legal e ajudar e guardar tudo e escutar quando a profe fala. (Aluno 9)

Trocando a voz e fazendo gesticulações, gradativamente as crianças passaram a prestar atenção na educadora e largar os brinquedos retirados do lugar para voltarem-se para a roda, mas assim que terminei novamente iniciou a agitação da turma, evidenciando sua problemática, a turma voltava a mexer nos materiais sem autorização, empregava xingamentos desrespeitosos entre si, agressão física e desrespeito a mim quando solicitava silêncio e atenção.

Nesta atividade, conforme é visível na imagem 3 na expressão das crianças, no momento de uma atividade que lhes chamou atenção, despertou curiosidade e possibilitou a aula transcorreu bem, bastante diferente da postura registrada na Figura 1, porém no momento em que saciaram estes 3 aspectos, voltavam a desordem na sala. Reforçando a necessidade de desenvolver trabalhos e atividades que exigissem mais do que o emprego da ludicidade, mas que tratassem da consciência moral das crianças, afinal elas precisavam manter uma postura positiva também nas atividades que não era de absoluto interesse, fora da sala e com a comunidade escolar, reconhecendo apesar da idade a importância da qualidade de vida em sociedade.



Figura 3 – Hora do conto lúdica

Durante esta atividade percebi certo avanço quanto à maneira de resgatar o interesse das crianças nas aulas, bem como o primeiro passo valendo-me da ludicidade para então passar a elaborar novas atividades lúdicas a fim de contribuir com o desenvolvimento desta turma.

4.3 O jogo das cores

As atividades cotidianas obtinham sucesso em alguns momentos da aula, mas nem sempre as atividades eram de interesse de todos os alunos, pois a rotina da escola os acostumou a um brincar por brincar, sem um objetivo e participação dos educadores. As brincadeiras eram sempre livres e quando orientadas os alunos muito pequenos da escola também participavam, fato que gerava desinteresse na participação dos alunos do pré devido a diferença de tempo na realização do mesmo.

Para estruturar minha ação pedagógica adequando-se a rotina escolar e a participação das crianças, foi necessário valer de uma atividade que atraísse a atenção das crianças para momentos de reflexão sobre a postura da turma socialmente, reconhecendo que seria pertinente atribuir pequenas responsabilidades aos educandos, conforme Fortuna (2007) revela numa entrevista. Escolhi jogos e brincadeiras, mas para iniciar arquitetei um quadro denominado 'Jogo das cores'. Considerando que as crianças já apresentavam a capacidade para refletir acerca de suas ações, utilizei o quadro conforme figura 4 com cores para chamá-lhes atenção.

A fim de evitar chamados durante as atividades, elaborei o quadro que apresentava através da cor o nível da positividade da postura de cada um dos alunos diariamente. No primeiro dia de uso do quadro eu atribuí as cores, a cada cor aplicada eu justificava, exaltando as atitudes positivas tomadas pelas crianças para o grande grupo e pedindo aos alunos que não haviam recebido uma boa cor a pensarem sobre como se portaram durante a aula. A cor verde representava posturas positivas. Amarela, seria preciso pensar e lembrar o que tinha feito durante a aula. Vermelho, pensar sobre a atitude, comprometer-se a não repetir e no caso de agressão ou xingamento pedir desculpas ao colega.

Na imagem 4 é possível perceber a organização do quadro:

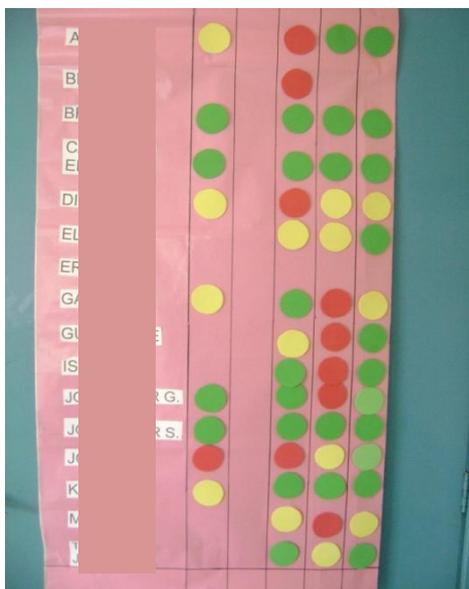


Figura 4 – Quadro das cores

No segundo dia de uso do quadro, lancei um desafio, quem iria decidir a cor de cada colega seria o ajudante do dia e posteriormente conversaríamos sobre os motivos que o fizeram receber a cor. Estes momentos foram fundamentais para a continuidade do estudo de caso, pois evidenciaram que as crianças precisam ser acreditadas como capazes de refletir sobre sua postura e ter uma vida social consciente, mas sem que a sua faixa etária fosse desrespeitada. Esta foi uma atividade consideravelmente tradicional, pois de certa forma trabalhou a questão do julgamento quanto a postura dos colegas, mas que complementou as atividades lúdicas, o quadro foi posto como um desafio, logo um jogo.

Através das cores expostas no quadro as crianças passaram a dialogar entre si quanto as suas atitudes dentro da sala, afinal todas queriam ter o maior numero de bolinhas verdes no final da semana, queriam vencer o jogo. Veja-se o registro de um diálogo de duas crianças:

- Eu vou ganhar 'todos verde' todo dia! (aluno 13)
- Não vai porque eu sou ajudante hoje e 'tu' não dividiu 'os brinquedo' com a aluna 15. (aluna 8)
- Mas é a 'profe' que vai dar 'as cor' hoje, eu vou pedir pra ela! (aluno 13)

- Não vai não! Eu vi que tu não dividiu e saiu correndo da fila. Se não dividir e ajudar não vai ganhar verde! (aluna 8)
- Tá, mas 'se eu fazer' os trabalhinhos e ajudar eu ganho. (aluno 13)
- No fim da aula a 'profe' vai ver e me ajudar e ver se ficou legal na aula. (aluna 8)
- Eu que vou ganhar todos 'os dia'. (aluno 13)

Diante dos resultados positivos de mudança das crianças o quadro se fez presente durante todo o estágio, tornando-se responsabilidade dos alunos embora eu os auxiliasse. A mudança dos alunos com a comunidade escolar chamou a atenção da supervisora pedagógica da escola e o quadro foi adotado pela professora regente após a conclusão do meu estágio curricular.

Frente a uma turma dinâmica, após o sucesso do quadro, minhas ações pedagógicas voltaram-se para os desafios e posteriormente para dar conta da socialização utilizei jogos e brincadeiras que envolvessem pequenos grupos.

4.4 Vida de inseto

Para atender o desejo e a necessidade da turma, iniciei um trabalho com insetos, conforme eles haviam demonstrado interesse. Para o início das atividades as crianças assistiram em DVD ao filme 'Vida de Inseto', o qual possibilitou uma roda de conversa referente a postura e a moralidade dos personagens. Após ceder espaço para que as crianças expusessem suas percepções, dei destaque para o resultado do trabalho realizado em grupo, incentivando as crianças e comparando com as atitudes positivas que vinham tomando dentro da sala, mas que ainda seria possível melhorar.

Logo após o diálogo, nos dirigimos para o pátio da escola, onde as crianças deveriam ilustrar a parte do filme em que os insetos mereciam a cor verde do Jogo das cores. Neste momento percebi que minhas ações pedagógicas vinham revelando bons resultados, pois as crianças seguiram minhas orientações, pegaram os materiais e seguimos para o pátio. No momento em que mostrei o painel e conversamos que todos deveriam respeitar o espaço do colega, aguardar sua vez, dividir materiais e as tintas, não acreditei que a atividade pudesse ocorrer de tal maneira que em poucos momentos eu precisei intervir.

Na figura 5 está visível a organização dos próprios educandos frente ao painel,



Figura 5 – Painel dos insetos

Neste momento fui surpreendida pela evidência de que o trabalho desenvolvido na busca pelo respeito aos colegas eu já havia alcançado, e neste ritmo de etapas, notei que finalmente atividades mais dinâmicas poderiam ser desenvolvidas, afinal, sendo esta uma atividade no pátio envolvendo pintura foi um grande avanço para a turma mais dinâmica da escola.

O próximo passo seria dar continuidade ao respeito as regras, mas principalmente reforçar a importância do trabalho em grupo e do respeito as diferenças.

Após perceber que através do desafio e da ludicidade seria possível realizar atividades ricas na interdisciplinaridade com as crianças, passei a elaborar atividades em grupos e destacar verbalmente os grupos que apresentavam bons resultados quando trabalhavam unidos na realização dos trabalhos.

4.5 Bichos de Jardim

Dando continuidade ao trabalho com insetos, elaborei uma atividade em que as crianças construíssem um trabalho de escrita de forma lúdica e colaborativa.

No quadro negro ficaram expostas 16 imagens (figura 6) de distintos insetos, abaixo o nome do inseto, conduzido com caráter de brincadeira esta atividade recebeu o nome de Bichos de Jardim.



Figura 6 – Quadro de insetos

Cada criança recebeu uma folha com 8 imagens (figura 7) de insetos com espaço abaixo para a transcrição do nome do inseto.



Figura 7 – Atividade de escrita

A atividade aconteceu da seguinte maneira: elas deveriam permanecer em seus grupos e levantar somente quando necessário para visualizar a escrita, ao retornar ao grupo deveriam ajudar os colegas a completarem seus trabalhos. O desafio era qual grupo conseguiria concluir toda a escrita e pintura com capricho, sem gritos e que mais estivesse ajudando os colegas do seu grupo.

Esta atividade assim como as já descritas anteriormente, enquanto desenvolvia outras competências nas crianças me oportunizara momentos para passar em cada um dos grupos e acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos e perceber a mudança que vinha ocorrendo gradativamente na postura das crianças quanto a colaboração com os colegas.

É importante relatar sobre o *aluno 9* que apresentava dificuldade na relação com os colegas devido ao comportamento. Durante esta atividade demonstrou-se comprometido com o grupo e foi verdadeiramente afetivo com os colegas durante a atividade/brincadeira.

Durante a realização desta atividade percebi que sua dinâmica, a movimentação de sentar e levantar para buscar as letras e posteriormente retornar e dividir com o grupo despertou nas crianças o sentimento de autonomia, responsabilidade e prazer, contamplando o significado de ludicidade.

Valendo-me do envolvimento das crianças na atividade passei por todos os grupos e percebi que minha presença era vista com igualdade pelas crianças, que dialogavam entre si a respeito da atividade, assimilando as letras utilizadas aos nomes dos colegas e de seus familiares. Na figura 8 é possível perceber a proximidade de dois meninos que no início do estágio curricular apresentavam dificuldade para atenderem as minhas solicitações e negociações:



Figura 8 – Meninos realizando atividade

As crianças mantiveram-se concentradas e colaborativas com os colegas que estavam com dificuldades, eles me chamaram poucas vezes, pois suas dúvidas

foram sendo esclarecidas pelos próprios colegas, em alguns momentos responderam por mim:

-Com que letra começa borboleta 'profe'?(aluno 13)

-Com B de Bruno!(aluno 1)

Usaram este meio voluntariamente durante a colaboração com o grupo na escrita, visando identificar a letra. Em alguns momentos algumas crianças me chamavam até o grupo apenas para mostrar o andamento da atividade, ressaltando que elas possuíam autonomia para realizar a atividade sozinhas, e que o seu grupo se destacava entre os demais:

-‘Profe’, não precisa ajudar, a gente já sabe como que tem que fazer. O meu grupo que vai terminar tudo primeiro e tudo certinho. Olha aqui. (*aluno 16*)

- Mas como tu sabe que está tudo certo? Perguntei.

-Por que um do grupo vai lá e olha e aí a gente escreve. Cada um vai e diz a letra e a gente bota no quadrinho, depois a gente vai pintar tudo.(aluno 16)

4.6 Jogo das borboletas

Um dos objetivos do jogo era descobrir as fases da metamorfose da borboleta, onde havia um cartaz no quadro indicando a ordem da transformação e cada grupo recebeu um cartaz para realizar a montagem. As imagens foram distribuídas pela escola e quando eu sinalizava, um componente de cada grupo deveria correr pela escola, encontrar 1 imagem e retornar a sala.

Antes de iniciar o jogo sentamos na roda para fazer os combinados das regras, reforçando a ideia de que é preciso respeitá-las e que o trabalho quando desenvolvido em grupo permite melhor resultado. Nesta perspectiva, desafiei ludicamente as crianças, valendo-me do imaginário. Elas seriam biólogos que iriam realizar uma grande descoberta, referente a uma transformação que acontece na natureza, mas somente os biólogos mais atentos e que respeitassem as regras do jogo conseguiria realizar a descoberta.

Quando idealizei o jogo intencionava avaliar a atitude das crianças numa atividade bastante dinâmica e que exigiam trabalho coletivo, organização e atenção na montagem das peças, ou seja, relativamente num nível de dificuldade alto para a turma no qual foi direcionada, mas seria justamente a intenção. Queria mostrar para

as crianças que respeitando as regras e colaborando com as pessoas que convivem conosco, as tarefas tornam-se mais fáceis, sempre instigando-os a manter a atitude colaborativa e respeitosa fora da sala de aula.

Para minha surpresa e sentimento de dever cumprido a atividade transcorreu bem, evidenciando que todas as histórias infantis, os jogos, brincadeiras e atividades que eu havia elaborado conciliando o lúdico com a reflexão sobre as atitudes dos alunos eu finalmente poderia realizar um parecer concreto a respeito do meu estudo de caso voltado para o desenvolvimento da autonomia moral.

Enfim, percebi que havia conseguido atingir meus objetivos, pois as crianças demonstraram boas atitudes enquanto vasculhavam a escola em busca das imagens, fato que no início do estágio seria impossível realizar uma atividade desta devido a conduta das crianças. Pedindo ajuda às funcionárias da escola, seguiram as dicas dadas para encontrar as imagens.

Ao andar pela escola a procura das imagens as crianças não corriam e sequer mexiam nos materiais de maneira descuidada, percebi o zelo pelo espaço, ao retornarem para sala corriam, mas ao chegarem nos seus grupos dirigiam-se com cuidado para a montagem dos cartazes, conforme figura 9.



Figura 9 – Jogo das borboletas

Tendo ludicidade como meu eixo condutor na pesquisa de campo, através destes relatos e das imagens, percebi que a ludicidade pode se dar em duas formas: na condução da atividade ou através de uma brincadeira ou jogo. A ludicidade que pode causar receio quanto a dose e o momento certo de ser utilizada foi compreendida como um meio que propicia o sentimento de prazer na realização das atividades e que lida com a imaginação das crianças. Não precisando

necessariamente de um momento específico e que é fundamental ao desenvolvimento das crianças.

4.7 Saída de campo

Respeitando a necessidade que a criança tem de manipular o objeto para aprender, e que aprende com maior facilidade quando a temática aproxima-se de suas experiências, realizamos uma saída de campo para a observação dos bichos de jardim que existem perto da escola.

Ao mesmo tempo a saída de campo serviu para que as crianças tivessem seus avanços na socialização e desenvolvimento de respeito e cooperação valorizados. Mesmo durante a atividade de procura e observação dos insetos as crianças se divertiram sem que sua atenção precisasse ser chamada repetidas vezes.

Diante das suas curiosidades eu busquei saciá-las na medida em que eu soubesse responder ou pudesse atender, mas busquei desenvolver a consciência de reciprocidade entre as crianças, demonstrando que quando através do diálogo seria possível realizarmos atividades muito prazerosas enquanto aprendíamos.

Na figura 10 há o registro da chegada ao jardim da Prefeitura Municipal, primeiro a curiosidade das crianças foi saciada quando ao chafariz,



Figura 10 – Visita ao jardim da Prefeitura Municipal

Posteriormente, pedi que partíssemos para a observação dos insetos, percebendo que a relação de respeito, igualdade e afetividade que estabelecemos durante o estágio, havia sido crucial para o sucesso das atividades. As crianças atenderam minhas solicitações sem muita negação, afinal tínhamos estabelecido um

laço de cumplicidade, já que eu me pus como parte do grupo e demonstrava interesse nas mesmas coisas que as crianças, conforme visualiza-se nas figuras 11 e 12:



Figura 11 – Observação de insetos I Figura 12 – Observação de insetos II

Com esta atividade, reforçou-se o estímulo pelo trabalho em grupo, respeito, interesse das crianças, e o trabalho da ludicidade, o aprender com prazer.

As imagens evidenciam a leveza que a ludicidade proporciona no processo de aprendizagem, neste caso numa atividade de pesquisa, que exigiu atenção minuciosa das crianças na busca pelos insetos e principalmente uma postura de respeito ao espaço e tempo do colegas, bem como as instruções da educadora e respeito ao ambiente no qual frequentam, seja ele conhecido ou não.

Esta saída de campo assim como algumas posteriores vieram contribuir para a socialização das crianças, novas experiências e valorização do crescimento apresentado por elas, que mereceram mérito pelos avanços.

Neste contexto de reflexão e equilíbrio referente as atividades que obtiveram sucesso ou não, fica exposta a importância da utilização da ludicidade nas atividades pedagógicas infantis afim de desenvolver a autonomia moral das crianças, onde elas viveram experiências práticas do convívio social com respeito a faixa etária, sendo um ensaio para a vida em comunidade através de instantes para reflexão acerca das atitudes tomadas na sala de aula, servindo de exemplo para vida fora dela, com os demais grupos sociais na qual pertencem e virão a pertencer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de caso em questão precisou passar por ajustes durante a pesquisa, e estão visíveis nas evidências e nos relatos apresentados. Não foi um estudo fácil de desenvolver por tratar do desenvolvimento moral de crianças, antes de qualquer denominação, pessoas oriundas de famílias com distintos valores morais, constuições e nível de comprometimento com a educação escolar e formação moral.

Junto aos alunos precisei tomar dois postos diferentes: a de educadora e de pesquisadora, percebendo que independente da necessidade de registrar diversas informações para o estudo de caso, um educador precisa estar aberto para desempenhar sempre o papel de pesquisador, comprometendo-se com a busca constante do desenvolvimento mútuo dos educandos.

Durante as horas destinadas à pesquisa e ao planejamento para a turma de educação infantil foram necessárias diversas buscas de materiais de educadores e pesquisadores da educação, que contribuíssem para o enriquecimento da minha formação enquanto educadora infantil, muitas vezes retomadas nas interdisciplinas do curso de licenciatura em pedagogia, que refletiu a interdisciplinariedade nas atividades elaboradas, que junto a preocupação ao desenvolvimento moral abrangeram aprendizagens noutras áreas do conhecimento.

As ações pedagógicas foram os fatores determinantes para o bom desempenho dos alunos, uma vez que compreenderam as diferenças dos ritmos de aprendizagem e trouxe meios para atender seus interesses enquanto aplicava os conteúdos da grade curricular e concentrava simultaneamente ações para estimular o desenvolvimento da autonomia moral.

Para desenvolver o senso de moralidade das crianças, primeiro foi necessário estabelecer atividades que instigassem a reflexão acerca das atitudes tomadas dentro da sala de aula. Através das ações pedagógicas que fazem as crianças refletirem acerca de suas atitudes e compreender que existem consequências para as ações, a consciência da importância do respeito e da vida em sociedade desenvolve-se gradativamente.

Além de momentos de reflexão, o educador é também modelo de conduta para os alunos, através deste estudo de caso notei que os educadores são

exemplos e imitados pelos alunos, desta forma, a conduta respeitosa entre colegas, tratamento delicado e atencioso com os demais apresenta um meio de convivência agradável e com o tempo torna-se um hábito na comunidade escolar, oferecendo aos alunos tranquilidade, sentimento de igualdade e abertura para se expressar.

Em suma, as ações pedagógicas devem oferecer segurança ao educandos para participar efetivamente da comunidade escolar, pois estabelecendo laços, atribuindo pequenas responsabilidades e valorizando a cooperação os educandos podem ter experiências significativas para desenvolver sua autonomia moral. Para se tornar autônomo o educando precisa de experiências e de tomadas de decisões e responsabilidade, o educador não é o sujeito da autonomia dos educandos, mas é quem proporciona experiências instigadoras de aprendizagem.

É preciso respeitar o tempo dos alunos, a faixa etária, o interesse demonstrado, pesquisar e planejar atividades que instiguem resultados positivos naquilo que observa-se como um obstáculo a ser vencido e aprendido pelos educandos. No caso da educação infantil percebi a ludicidade como a principal aliada dos educadores infantis, pois possibilita a aprendizagem com prazer.

Intencionando compreender e avaliar a importância da ludicidade no desenvolvimento da autonomia moral em crianças de 5 e 6 anos, compreendi que todas as colocações acima expostas devem contemplar a prática de um educador que visa a formação moral dos alunos da educação infantil.

Através de jogos e brincadeiras foi possível estimular um brincar que veio a oferecer mais ao alunos, deixando de ser o brincar por si só, o brincar que possibilitou novas experiências e aprendizagens. Brincar amplia os potenciais das crianças, possibilitando uma representação do mundo adulto e gradativamente a criança vai se sentindo parte da comunidade e estabelecendo relações sociais.

Durante o brincar na escola, o educador tem a chance de aproximar-se dos alunos e revelar que existe certa igualdade entre ambos e que a criança pode sentir parte do ambiente escolar e relacionar-se com o colegas sem receio. As brincadeiras, os jogos e a ludicidade permitem que as crianças se relacionem e se conheçam de maneira prazerosa e que respeita a faixa etária e a experiência de adaptação ao novo ambiente e das pessoas que virão fazer parte do cotidiano das crianças.

Os princípios de moralidade e autonomia são aspectos complexos de trabalhar com crianças, embora sejam necessários, pois é o período de início da vida social fora da estrutura familiar. A ludicidade paralela ao brincar oportunizaram experiências práticas para pequenas vivências em grupo que vem contribuir no desenvolvimento dos alunos.

Através das evidências apresentadas é possível perceber que a ludicidade vem a ser não tão somente uma aliada na educação infantil, mas uma maneira essencial ao período das vidas dos pequenos cidadãos. Após o estágio, compreendi que não há momentos específicos para a aplicação da ludicidade, afinal ela não é um conteúdo curricular, tampouco uma solução infalível, a ludicidade está no empenho do educador que se preocupa em como as informações chegarão aos alunos pequenos, a ludicidade está presente nas aulas mais prazerosas e que lidam com o imaginário das crianças e dão vazão à criatividade, mas não é possível estabelecer um momento específico e quanto ele deve durar para ser lúdico.

No decorrer do estágio, notei que o desenvolvimento da autonomia moral vem sendo uma responsabilidade atribuída aos educadores da escola, e não mais tarefa dos responsáveis pelas crianças, a ludicidade foi a responsável pela leveza neste processo de aprendizagens com foco na autonomia moral.

Através das interações no brincar as crianças foram ensaiando a vida adulta, realizando tarefas de cooperação, auxiliando colegas, brincando com o imaginário e gradativamente a socialização foi ocorrendo, sendo decorrente das atividades coletivas, despertando o prazer de atividades em grupo e a necessidade de se ter relações harmoniosas com a comunidade escolar.

Neste contexto, concluo que a ludicidade não é tão somente importante, mas essencial para o desenvolvimento da autonomia moral infantil nas crianças de 5 e 6 anos, pois garante o convívio harmonioso com a comunidade escolar, preserva a infância, proporciona aprendizagem prazerosa, estimula as relações interpessoais com afeto e respeito enquanto instiga a consciência da importância da vida em sociedade valorizando as relações próximas, instigando o espírito cooperativo para que as crianças tornem-se adultos autônomos e conscientes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUDÓ, Marília Denardin. A moralidade em Rousseau e Kant: uma visão a partir de Itinerários de Antígona. **Site do Curso de Direito da UFSM**. Santa Maria-RS. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/direito/artigos/filosofia-juridica/itinerarios.htm>>. Acesso em: 25.abr.2011

DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria Schimitt. O Lúdico na Educação Infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**. v. 1, n.4, p. 107-111, jan/mar. 2004.

DANIEL, Camila Matos De Oliveira. **Literatura Infantil e Ludicidade no Livro Didático para Crianças de 1º Ano do Ensino Fundamental**. 2010. 129 f. Dissertação - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

FORTUNA, Tânia R. Moralidade Infantil: Algumas situações práticas envolvendo a moralidade infantil. **Psicopedagogia On Line: Educação e Saúde**. 1 jan. 2000. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=20>
Acesso em: 25.abr.2011

_____. Tânia Ramos. Os desafios de quem atua na Educação Infantil. **Atividades & Experiências**. p.13-15, jan. 2007. Entrevista

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 34ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAG, Barbara. **Itinerários de Antígona**. São Paulo: Papyrus, 1992.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender**. O resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. In: KISHIMOTO, T. M. (org): **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez, 2006. Cap. 1, p.13-40.

MATOS, Jose Pedro Da Costa. **Educar Para a Cidadania**. 2001. 14 f. Trabalho de Formação - CFPA, 2001.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.

RYSZYK, Marcia Regina de Azeredo. **A Matemática do Era uma Vez**. 2010. 1 v. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Curso de Pedagogia, UFRGS, São Leopoldo, 2010.

SANTIN, Silvino. **Educação física: da opressão do rendimento à alegria do lúdico**. Porto Alegre: Edições EST/ESEF - UFRGS, 1994.

THEOBALDO, Maria Cristina. Educação e Autonomia Moral. **Revista de Educação Pública**. Cuiabá: v. 4, n. 5, p. 249-263, jan./jun., 1995.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 383-386, set./out. 2007

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICE



TERMO DE CONSENTIMENTO

Senhores pais,

Serei professora estagiária de seu filho durante 9 semanas, como o meu curso de Licenciatura em Pedagogia se dá a distância preciso postar fotografias e vídeos que comprovem minha prática de estágio, para isso preciso da sua autorização para que seu filho apareça nas imagens, asseguro-lhe que estas imagens estarão ambiente virtual PRIVADO, somente eu e minha professora teremos acesso através de senha. Peço por gentileza sua colaboração para minha formação.

Rita de Matos Raupp

AUTORIZAÇÃO

Eu....., autorizo que a professora estagiária Rita de Matos Raupp, graduanda do curso Licenciatura em Pedagogia pelo PEAD/UFRGS com a matrícula nº 164289, disponibilize no ambiente PBWORKS PRIVADO a imagem de meu filho (a)..... nos registros das aulas práticas através de fotografias e vídeos da mesma.

Três Cachoeiras, 16 de setembro de 2010
